

NOVAS POLÍTICAS PARA NOVOS DESAFIOS

INATEL/FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES

10 de Fevereiro 2009

1. Agradecimento ao INATEL e ao meu Amigo Victor Ramalho

2. A série de conferências-debate destina-se a provocar a reflexão e um maior conhecimento, num mundo em mudança acelerada, sobre Portugal, a União Europeia e o Mundo, à escala do território nacional

3. Esta é a conferência inicial da série intitulada Novas Respostas a Novos Desafios. E, dada a qualidade e prestígio dos outros participantes, constitui, por isso, uma grande responsabilidade e uma honra iniciar esta série. Aqui no velho e belo Teatro da Trindade.

4. Resolveram começar - e bem, julgo eu - pelas novas políticas para novos desafios. A política, tão desacreditada, nos últimos anos, voltou a dominar todo o resto. Identifiquemos, por isso, os novos desafios e, depois, em consequência, falemos das novas políticas necessárias.

5. Os novos desafios resultam, fundamentalmente, da crise global financeira e económica, que estamos a viver, que teve origem na América do Norte, se alargou à União Europeia e que, finalmente, contaminou todo o Mundo, com maior ou menor intensidade. Os países emergentes, incluídos.

6. É uma crise do capitalismo financeiro especulativo, dito de casino, que nos últimos anos, após a implosão pacífica do comunismo, em 1989-91, dominou o Mundo, incluindo os países emergentes, como disse, como a Rússia, a China, a Índia, o próprio Brasil, embora por modos distintos.

7. A crise que não é só - hoje - financeiro-especulativa virtual mas também da economia real, que atinge as populações dos diferentes Estados de todos os Continentes e que é também energética, ambiental, alimentar e de civilização, dada a perda de valores éticos e da moralidade envolvendo, sobretudo, os grandes banqueiros, empresários, especuladores, gestores, mas também alguns políticos e economistas. O culto do dinheiro - como valor supremo - e a falta de moralidade nos comportamentos e negócios foram os principais responsáveis da crise, até agora impunes.

8. A confusão entre os agentes económicos e os políticos - facilitada pelo sistema dos lobbies, legalizados na América do Norte (a que o Presidente Obama já começou a pôr termo) e pela cobertura de silêncio dada a certos negócios nada transparentes, feitos através dos chamados paraísos fiscais, criaram fortunas meramente virtuais - com ganhos e perdas colossais provocados pelas oscilações bolsistas - que desequilibraram o sistema, provocando falências colossais, a

começar nos Bancos e propagando-se depois às Grandes Empresas dos cinco Continentes. A crise começou por ser financeira e virtual e, em poucos meses, tornou-se económica e real.

9. A crise que afecta hoje todos os países do Mundo é, portanto, global na acepção mais ampla da palavra. Ninguém parece capaz de dizer, por enquanto, quanto tempo vai demorar - e a procissão está ainda a sair do adro - como vai evoluir e como poderá ser vencida. Estamos a viver uma fase extremamente perigosa, em que cada país está a reagir como pode, sem concertação, como se tem evidenciado, em particular na União Europeia, o que é particularmente grave.

Ao contrário do que se passa na América do Norte, onde, desde a posse do Presidente Obama, há um comando único para a atacar e vencer, o que é em si mesmo uma boa coisa. Quanto aos países ditos emergentes e aos outros Estados, mais ou menos, agrupados em Grupos Regionais, a resposta também tem sido, mais ou menos, cada um por si. O que é péssimo.

Ora uma crise global tem de ter, tanto quanto possível, uma resposta também global - tenhamos consciência disso - o que representa uma enorme dificuldade para a superar...

10. Na União Europeia, onde temos uma moeda única - o euro - que nos tem valido consideravelmente, nesta crise e uma certa coordenação económica, tem-nos faltado a coordenação política - e também lideranças fortes, consequentes e respeitadas - o que representa um handicap muito perigoso, quando se procura encarar o futuro.

11. Por outro lado, uma das causas desta crise resulta da desregularização da globalização económica, que é irreversível e, como o nome indica global. As instituições financeiras internacionais estão envelhecidas, desactualizadas e sem prestígio. Refiro-me ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional. Têm de ser democratizadas, adaptadas aos tempos de hoje e integradas no sistema das Nações Unidas. Mas para haver uma globalização regulamentada, por princípios éticos e políticos, é preciso que haja um esboço de governança política global - que não pode ser um Directório dos países ricos - como G7, o G8, o G20... Deverá estar integrado no Sistema das Nações Unidas, que, também ele, precisa de ser remodelado.

Não é fácil de conseguir. É outro dos desafios que temos pela frente.

12. Contudo, o mundo deixou de ser conduzido por uma América que, no tempo de Bush, se julgava a hiperpotência dominante e seguia uma política externa unilateral.

Essa fase passou. Hoje o multilateralismo é a regra, como se viu durante a primeira tournée que Joe Biden, Vice-Presidente dos Estados Unidos, fez à Europa.

Assim, se os políticos europeus tiverem bom senso político - e compreenderem o mundo em que vivem, o que não é fácil de imaginar - acho que as relações transatlânticas poderão mudar radicalmente e o Ocidente, no seu conjunto, pode jogar um papel relevante no modo de enfrentar a crise e de construir o futuro mediante novas políticas.

13. A União Europeia tem de perceber a importância decisiva de ter instituições políticas que orientem, concertadamente, as políticas nos planos externo, ambiental, de defesa e segurança, da luta contra o terrorismo e a criminalidade internacional organizada, sobretudo, agora contra os

crimes de colarinho branco, que ganhou grandes proporções, e que não podem ficar impunes, para haver paz social.

14. Portugal deve ter uma voz mais firme e audível no quadro europeu, se possível em convergência com a nossa vizinha e natural aliada Espanha. Mas em nome, também, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e conseqüentemente do peso da Lusofonia no Mundo, decisivamente importante para nós, portugueses.

O Tratado de Lisboa, em que tanto trabalhámos, durante a presidência portuguesa, não pode ficar esquecido nem, sobretudo, as instituições políticas europeias que estão paralisadas por falta dele. Seria grave, se não houver uma mudança. Mas teremos de reconhecer que o Tratado de Lisboa, nestes últimos meses de crise, perdeu actualidade. Os problemas e os desafios hoje são outros e a forma de os encarar também é diferente.

Atenção, aos interessados: as próximas eleições europeias serão uma oportunidade única para provocar um amplo debate nacional - e europeu - sobre toda essa temática. Não serão mais umas eleições, devem ser um momento de grande reflexão porque se trata do início de um novo ciclo europeu.

15. A crise global com que estamos confrontados, põe-nos novos desafios a que devemos responder - no plano nacional, europeu, da Lusofonia e global - com novas políticas ousadas e inovadoras, em concertação com a União Europeia, como é óbvio.

Não devemos esquecer que somos um país atlântico e mediterrânico, com amigos, aliados e emigrantes portugueses nos cinco Continentes. A nossa política externa tem, assim, de ser muito mais activa e criativa e, sobretudo, tem de ter mais e melhores meios de actuação.

16. A crise global vai-nos exigir uma mudança estrutural de paradigma. Falido o neo-liberalismo - e as economias virtuais e reais a que deu origem - é preciso saber e pormo-nos de acordo quanto ao que lhe pode suceder. Na Europa estão a surgir partidos anti-capitalistas e na América Latina, alteromundialistas, regressando a utopias generosas mas que tiveram o seu tempo no século passado.

17. E o socialismo? Não nos podemos esquecer das razões que explicam o colapso do universo comunista, dito também socialismo científico, tanto de tipo soviético, como maoista ou de Deng Xiao Ping. A estatização total da economia é um erro em que não podemos voltar a incorrer. Porque é incompatível com uma democracia pluralista e pluripartidária, de cidadãos informados e intervenientes, que importa aprofundar, melhorar, desenvolver, mas nunca pôr em causa.

18. Tanto quanto se pode ir - no momento actual - na minha modesta opinião, para criar um novo rumo - é necessário caminhar no sentido de uma reforma avançada, progressista e profunda do capitalismo, com fortes componentes sociais, ambientais e balizada pelos Estados nacionais, Regionais, como a União Europeia e pelas Nações Unidas, por valores éticos, nos comportamentos políticos, empresariais e sindicais. Foi o que se chamou, nos anos do post-guerra mundial,

trabalhismo, social-democracia ou socialismo democrático. O melhor modelo - e socialmente o mais avançado - que se conseguiu até hoje.

19. Infelizmente - reconheço - o trabalhismo e a social-democracia - e a própria Internacional Socialista - foram desprestigiados, na última década do século XX - e assim continuaram, até hoje - com a Terceira Via, de Blair e Giddens, de Schroeder, dos socialistas franceses, dos italianos e praticamente dos outros europeus e extra-europeus, com a "colonização ideológica" do neo-liberalismo, a que todos aderiram, em maior ou menor grau.

20. Vencer a crise que nos afecta, colectivamente, implica que voltemos à prática dos Direitos Humanos e, no plano internacional, aos chamados Objectivos do Milénio, de sentido universal. Que deixemos cair o blairismo e tudo o que seja e lembre a "colonização ideológica" neo-liberal, em que tantos socialistas se deixaram imbuir, reafirmando o orgulho de sermos socialistas, mas não totalitários, socialistas e progressistas, em liberdade, como gritámos durante o PREC, irmanados então com o Povo Português, conciliando liberdade com o máximo de igualdade possível, e com fraternidade, que não é mais do que outro nome da solidariedade.

21. Os desafios são estes e são essencialmente políticos e ideológicos: respeitar e fazer respeitar os Direitos Humanos, para conferir o máximo de dignidade à pessoa humana, seja qual for a sua cor, género, crença ou condição social. Dignificar o trabalho, como a principal fonte de riqueza e aceitar como muito positivo, os direitos dos trabalhadores e a concertação social, que me honro de ter instituído em Portugal. Aprofundar a Democracia, pluralista, participativa e pluripartidária, como o melhor sistema de governo até hoje inventado, com a separação dos poderes do Estado e o culto da cidadania. Assegurar o mercado, motor de desenvolvimento, desde que orientado por regras éticas e com dimensão social, ambiental e humana, salvaguardando uma justa redistribuição da riqueza. Criar sociedades de bem-estar, orientadas por Estados de Direito, com uma Justiça independente, eficaz e célere, que não se deixe influenciar pelos media nem, muito menos, pelos Partidos ou pelos Sindicatos. Assegurar a paz, gerindo os naturais conflitos, por via de negociações e no respeito do Direito Internacional e das Nações Unidas. Lutar coerentemente contra a pobreza, as pandemias e contra a criminalidade internacional organizada. O que está - diga-se - perfeitamente ao nosso alcance. Contribuir, no respeito pelas Convenções Internacionais, para salvar o nosso Planeta, ameaçado, assegurando a sobrevivência da Humanidade e da biodiversidade.

22. Não se trata de uma utopia. São desafios, repito, que estão ao nosso alcance, basta aplicar as políticas ajustadas aos desafios, com coragem e a audácia necessárias. Estamos numa situação crítica que nos obriga a dar um salto em frente. Vivemos em democracia, com imperfeições - como é óbvio - mas também com grandes potencialidades, temos hoje a possibilidade de comunicar, via Internet e outros meios, estimulando esse fenómeno novo que é a cidadania global.

23. Permitam-me que termine - já é tempo de passarmos ao debate - com duas palavras sobre Portugal. Num momento de crise, temos que não nos deixar invadir pelo pessimismo, embora devamos ser realistas quanto à situação crítica em que nos encontramos.

A crise vai durar, infelizmente. Mas pensamos que Portugal é um país privilegiado por pertencer à União Europeia, em primeiro lugar, e que há vários países europeus em situação bem pior do que a nossa, mas também - não o esqueçamos - por estarmos integrados na CPLP, de grande importância no futuro, e por termos um Povo criativo e admirável. Conheço um pouco o mundo, como sabem, fiz muitas comparações e digo-vos isto em consciência.

24. Esta fase má - péssima, se quiserem - vai passar. O desenvolvimento da Ciência e das Tecnologias vão ajudar-nos. E, sobretudo, a criatividade dos portugueses. A sua convivialidade. Acreditem. Assim tenhamos confiança e não nos deixemos intimidar. Esqueçamos a politiquice e falemos dos valores, das ideias e das pessoas. É com eles que vamos conseguir!

Muito obrigado. Passemos agora ao debate.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 2009